

Em Actas do I Congresso Internacional “O pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000)”, Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 137-159.

A APOLOGÉTICA DE SENA FREITAS

Já bem perto do final do seu “anuário íntimo”¹, obra que recolhe em si a síntese de praticamente todas as grandes temáticas que o ocuparam e preocuparam ao longo da sua vida, o Padre Sena Freitas² declara peremptoriamente:

“A sociedade está atacada nos três pólos em que se libra [em que se fundamenta]: na moral, na ciência e na política. Na moral pelo naturalismo, na ciência pelo positivismo, na política pelo socialismo. Três gangrenas nas quais predomina um sintoma comum –a combinação da licenciosidade com a descrença. Delas resultam três calamidades sociais: nos costumes a depravação levada ao delírio, na ciência o fatal terra a terra da observação física que elimina todos os universais da razão e amesquinha a área do especular humano, na política, o caos da anarquia e a estrada aberta às hecatombes e arrasamentos demagógicos”³.

¹ SENNA FREITAS, P. – *Dia a dia de um espirito christão. Aforismos, e reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a sciencia, a litteratura, a politica, etc.* Guimarães: Livraria Editora, 1881. Por motivos de simplicidade, entendem-se como sendo deste autor todas as transcrições e referências não atribuídas expressamente a outro nome.

² José Joaquim de Sena Freitas nasceu em Vila Franca do Campo, S. Miguel, Açores, a 27/07/1840 e faleceu no Rio de Janeiro, a 21/12/1913. A mãe morreu-lhe quando ele tinha apenas três anos. Foi, por isso, criado e educado pelo pai, homem de profundos princípios católicos, historiador e dramaturgo. Dele recebeu o gosto pela escrita e pela intervenção cultural. Teve como Mestre-Escola um velho militar reformado, miguelista dos quatro costados, que certamente deixou algumas marcas no temperamento do jovem aluno. Ingressou na Congregação da Missão, fundada por S. Vicente de Paulo, cujos sacerdotes são, habitualmente, conhecidos por Lazaristas. Por esse motivo, estudou em França. Missionou no Brasil e percorreu meio mundo: da Suécia à Itália, dos Estados Unidos à Turquia, da África do Sul ao Extremo Oriente. Para além do português, dominava perfeitamente o inglês e o francês e exprimia-se com naturalidade em espanhol e italiano. Leccionou no Seminário Vicentino de Santa Quitéria, em Felgueiras e, já como sacerdote diocesano, foi feito Cónego da Sé de Lisboa. Conviveu com a intelectualidade da época e era amigo de grandes escritores, a começar pelo seu muito admirado Camilo Castelo Branco, de quem era visita relativamente assídua. Orador e pregador celebrado, recebeu o epíteto de “Lacordaire lusitano” e de “P. António Vieira de oitocentos”. Distingui-se como escritor prolixo: para além de cerca de duas dezenas de obras dadas à estampa, publicou largas centenas de artigos de jornal e revistas, com destaque para a “Estudos Sociais”, de Coimbra, quase sempre em defesa da Igreja Católica e das suas verdades de fé.

³ *Dia a dia...*, cit., 183. Nas transcrições, actualizo a ortografia, com excepção dos títulos das obras.

Sabemos bem como, depois da implantação do liberalismo, essas “gangrenas” motivaram e deram corpo, por toda a Europa e especificamente entre nós, a fenómenos de convulsões sociais, menosprezo da fé e frequentes ataques ao modelo de Igreja então vigente e suas estruturas, mormente Papa e padres. E é por isto que o temperamento apaixonado de Sena Freitas se sente obrigado a recorrer à pena lesta e hábil para, num estilo tão escorreito e elegantíssimo como vigoroso e inflamado, descer à praça pública para defender a sua “mãe, a santa Igreja Católica”⁴ perante os frequentes ataques que lhe desfere, particularmente, a elite intelectual. Fá-lo não tanto sob o ponto de vista da teologia –nesse particular, não se distingue especialmente, embora demonstre profundo conhecimento bíblico– mas no recurso aos dados da cultura e da lógica.

Ora, este clima cultural de defesa da fé e da moral perante as arremetidas mais sistemáticas ou mais ocasionais entra no âmbito do que tradicionalmente se designa por apologética⁵. É a tentativa de demonstração da credibilidade racional da fé. E de facto, Sena Freitas não segue pelas vias do recurso ao mero voluntarismo –o acreditar mesmo naquilo que se retém por absurdo– ou ao dogmatismo –afirmação dos valores da prática religiosa, até nas situações em que se não verifica qualquer convencimento interior. Mas, pelo contrário, lança mão dos argumentos bem mais humanos e sólidos da tentativa de demonstrar a sublimidade da doutrina revelada quer pela sua correspondência aos anseios mais profundos do coração humano, quer pela objectividade dos frutos da doutrina católica na sociedade, quer ainda pelo seu efectivo contributo para o progresso

⁴ Sena Freitas faz frequente profissão de fé nesta defesa e atribui-a como tarefa suprema do seu sacerdócio. Por exemplo, a respeito do panfleto de ataque à carta pastoral do Cardeal D. Américo, bispo do Porto, sobre o protestantismo, escrito por um sacerdote católico secularizado, jura: “Enquanto a minha miserável saúde o permitir e enquanto se não extinguir no gelo dos anos a chama da virilidade e a minha mão puder sustentar uma pena, não passarão impunes semelhantes invectivas arremessadas à face impoluta da minha mãe, a santa Igreja Católica, que me acolheu em seus braços ao nascer e em cujo seio amigo espero exalar o último alento”. *Crítica à crítica*. Porto, Livraria Portuense, 1879, 10.

⁵ Do grego «*apó*» (vindo de, em continuação de, por causa de, defesa perante) + «*lógos*» (discurso). Então, a apologética (ou mesmo a apologia) é um discurso defensivo para tentar repor a verdade ferida por um qualquer ataque. É um descer ao terreno do adversário para dismantelar os seus argumentos e, assim, perante a opinião pública, confundir o seu erro. Não se trata, portanto, de uma ciência vera e própria, mas de um método de defesa cultural da fé ou dos diversos âmbitos da vida da Igreja perante os incrédulos ou dissidentes. Por isso, ultrapassa a simples noção das mais ociosas polémica ou controvérsia. Cf. MONTI, Giuseppe – *Apologética*. Città del Vaticano: Enciclopedia Cattolica, 1949, 1650-1659.

integral da humanidade, etc. Não intenta, primariamente, uma pura e simples conversão à fé do opositor –embora, obviamente, o desejasse-, mas uma tal abertura de espírito que conceda a este um certo assentimento racional àquilo que, no mínimo, é credível. E se credível, respeitável, não obstante o legítimo pluralismo de cosmovisões.

É sobre esta mundividência que versará a presente comunicação. Sigo a própria referência do autor no extracto acima transcrito porque me parece constituir o sumário último da eficiente aula dada com o magistério da sua vida. Começarei, pois, por essas temáticas para, posteriormente, me fixar no método do que poderíamos designar pelo diálogo, do século XIX, entre a fé e a razão.

1. AS «GANGRENAS» DA MODERNIDADE

1.1 – O naturalismo

Na obra deste autor que estudamos não aparecem tentativas de definição expressa deste conceito. Parece, por isso, assumi-la na noção genérica e intuitiva da percepção da constituição humana como simples aglomerado de células, animadas por elementos químicos, que reagem meramente mediante o processo de estímulo/reacção. Obviamente, numa tal concepção, a bondade moral equivale à pura correspondência à «lei da natureza», ao dado instintivo, e deixa de fazer qualquer sentido o apelo a temas tão caros à ética cristã como sejam os de conversão, renúncia, elevação, ascese, heroísmo, santidade, etc. Fica-se no dado sociológico, na ditadura do factual, e não se transcende nem se aspira à utopia do ideal da espiritualização e, muito menos, aos tradicionais «estados de perfeição» consubstanciados na vida religiosa dos frades e das freiras. Amplamente divulgada pelas correntes literárias que assim se designavam ou que se transmudaram em «realistas» ou «ultra-realistas», fácil será de ver quanto esta concepção, que encerra o homem numa mundaneidade materialista, biologicista e jusnaturalista, é diametralmente contrária à percepção religiosa de Sena de Freitas.

De facto, se a pessoa, para se realizar integralmente enquanto tal, não precisa do esforço de passar do «ser» ao «dever-ser», não faz sentido falar do seu aperfeiçoamento moral, nem do da sociedade. Em última instância, não se compreende mesmo a própria estrutura moral, pois o homem, como preconizava

Nietzsche, colocar-se-ia para além do bem e do mal. E é isto que Sena Freitas não pode admitir. Nessa visão, o naturalismo/materialismo apouca o espírito humano precisamente... porque acaba por não reconhecer o espírito⁶. E, se apouca o espírito, mata o homem enquanto tal, pois sem ele a pessoa não ultrapassa a mera noção de animal balante. Sem esse horizonte de significação, regride até à animalização e involui para o menos. É o que Sena Freitas afirma, no seu jeito típico de dizer, a respeito dos que consciente ou inconscientemente defendem esta perspectiva:

“Para que o realista faça da sociedade uma flor já sem aroma e uma fruta espremida, reduzida a bagaço, é necessário que no seu espírito também já não haja aroma nem seiva. Pintar com certas cores certas perversões requer um grau de perversão aproximativo. Se o realista não encontra repulsão alguma em revolver fezes, é porque não tem mais as mãos limpas e traz o olfacto insensibilizado ou por um instinto mórbido para as féculas sociais, como eu topei no Brasil em alguns indígenas um apetite irresistível para comer terra”⁷.

Porém, o argumento da experiência confirma que o espírito humano, precisamente enquanto humano, tende naturalmente para Deus como objectivação suprema da verdade e do bem a que todo o homem aspira. E que negado Deus, quase sempre o espírito humano começa por negar-se a si mesmo, ao ponto de negar os outros e a pura humanidade⁸. A tese nietzscheana da «morte de Deus» torna-se, realmente, «morte do homem», morte efectiva na destruição social perpetrada pelos revolucionarismos do tempo e até no suicídio individual que, segundo o autor que acompanhamos, aumentou exponencialmente no século XIX⁹ como efeito dessa visão. Daqui que, na sua qualidade de intelectual católico, se lhe afigure ser sua tarefa fundamental propor ao naturalismo e ao realismo uma sadia concepção antropológica.

⁶ Cf. FIGUEIREDO, Antero – *O Padre Sena Freitas. Conferência*. Lisboa/Paris: Bertrand/Aillaud, 1926, 13 ss.

⁷ *Dia a dia...*, cit., 96.

⁸ Cf. *Dia a dia...*, cit. 17. Este autor, que faleceu no ano anterior ao do início da I Guerra mundial, como que prognostica, em várias passagens, o grande mal que estaria para chegar.

⁹ Cf. *Dia a dia...*, cit., 196.

Que é, então, o homem? Este sacerdote vicentino, recorre à tradicional concepção bíblica -tão desenvolvida na Patrística, essa época que motivou excelentes apologéticas face aos pagãos, como agora a nova cultura secularizada reclamava- do homem como «imagem e semelhança de Deus»¹⁰. Nesta perspectiva, o homem é essencialmente um ser cuja fisionomia assenta não no dado material, fisionómico, mas na sua dignidade constituinte: dignidade porque possuidor de um espírito imortal, participação do espírito de Deus, e dignidade de comportamento/actuação, pois a vontade conjuga-se com a inteligência e ambas tendem para o ideal de beleza e de bem, aspirações mais ínsitas e mais elevadas da natureza humana¹¹. Verdade e Bem que, na sua consumação absoluta, se identificam com o próprio Deus.

Então, de acordo com o pensamento teológico, só nessa cosmovisão da «imagem e semelhança de Deus» se pode alicerçar o verdadeiro ser do homem. Como tal, o cristão nem é nem pode ser considerado um «ser diminuído». Pelo contrário, não só porque ele participa, em conjunto com os outros homens, desta dimensão constituinte, como, ainda mais, porque se sabe elevado à dignidade de filho de Deus pela sua incorporação a Jesus Cristo. Daqui duas consequências para Sena Freitas: por um lado, exigir respeito pelos cristãos, mormente pelos insidiosamente mais atacados, os padres e os religiosos; por outro lado, apresentar o autêntico protótipo do homem, que nem pode ser o carnal/instintivo, como no romance realista brasileiro “*A carne*”, com a implícita abertura do caminho às paixões, ao amor livre e à infidelidade matrimonial¹², nem sequer o homem-libertário da peça de teatro portuguesa “*O Lazarista*”, na qual a personagem que

¹⁰ Cf. *Autopsia da “Velhice do Padre Eterno”*. São Paulo: Livraria de Jorge Seckler, 1886, 49 ss.

¹¹ Este autor argumenta assim: “O homem é um ente essencialmente moral. A vontade à a sua mais nobre potência e a sua potência, fim. O bem é a razão de ser da sua intercadência na economia providencial da constituição do universo. Aquele que o esquecer, poderá ser um sábio, um grande artista, um hábil diplomata, etc., mas não é um *homem* no completo sentido da palavra, um ente moral. A sociedade esfacela-se porque vemos homens-livros, homens-máquinas, homens-dinheiro, homens-carne, menos HOMENS, sem sufixo”. *Dia a dia...*, cit., 111-112.

¹² Em Portugal, Sena Freitas faz pontaria, sobretudo, a Eça de Queirós e a Ramalho Ortigão. A respeito da obra deste último diz mesmo que mais parece um dicionário de culinária e de toalete, da tal forma se dirige aos instintos primários. E chega a asseverar: “O realismo-ultra não é literatura”. *Dia a dia...*, cit., 83.

encarna esse modelo de homem deixa entender que expulsou as Irmãs da Caridade só pelo «crime nefando» de... usarem toucas francesas fora de moda¹³.

É evidente que esta problemática se interliga directamente com o tema da liberdade, seja esta tomada na perspectiva individual, quer na sócio-política. A grande acusação que os liberais faziam à Igreja era a de que esta não só mantinha as pessoas manietadas numa camisa de forças tecida de proibições morais, como se opunha à libertação social, entendida na perspectiva dos revolucionários.

O Padre Sena Freitas encara o tema de frente. Deixa bem expresso que não há dignidade humana sem liberdade e que esta «cousa boa e santa» é fundamentalmente um dado cristão. Por isso, a Igreja nem é nem pode ser contra a liberdade:

“Também eu amo essa liberdade, verdadeiro génio do homem e das nações, nem a Igreja minha mãe a condena. Como condená-la se precisa dela como o pulmão de ar para respirar? Se este adorável apanágio dos povos modernos foi conquistado com o sangue divino de Jesus, entre as dores agudíssimas da sua cruz e os derradeiros gemidos da sua agonia?”¹⁴

O problema era outro: o da liberdade libertária, o paroxismo da liberdade levada até à opressão dos outros. O que a antropologia e a mente cristã não poderiam admitir, obviamente, era a liberdade que no seu desvario se precipitava sobre a dos outros, a que matava e incendiava, a de Danton, o sanguinolento, enfim, a que se apropriava das pessoas para lhes impor, pouco livremente... a liberdade. Mas o catolicismo, com Sena Freitas à cabeça, logicamente aceitava, defendia e promovia a liberdade que salva, aquela que sabe aceitar o seu próprio limite, a que emancipa os povos e os impele para o mar largo da civilização, a que brota a partir da dignidade humana e a exprime da maneira mais elevada, a que “nasce, como o primeiro filho, de um amor ardente, do amor da humanidade [...] e descerra as pálpebras das sociedades estioladas pela servidão para as restituir ao sentimento augusto da sua dignidade”¹⁵.

¹³ Cf. *Os Lazaristas pelo «lazarista» snr. Ennes*. Porto: Livraria Central, 1875, 65.

¹⁴ *Autopsia...*, cit., 70.

¹⁵ *Autopsia...*, cit., 69.

Portanto, fique bem claro –declara o P. Sena Freitas e sabemo-lo nós bem- que o cristianismo não só não é contra a liberdade, como até a promove nas várias dimensões, incluindo a cívico-política. Neste particular, entre os inúmeros exemplos possíveis, pense-se neste facto: os grandes princípios políticos do liberalismo e a defesa das liberdades modernas têm na sua génese não a Assembleia Nacional francesa presidida por Mirabeau, como habitualmente se diz, mas duas obras – *Telemaco* e *Memórias sobre o governo*- do bispo Fénelon que as escreveu setenta anos antes da célebre Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão¹⁶. A Igreja não tem, portanto, meças a pedir aos revolucionários e liberais a respeito da liberdade. Tem é que lha exigir, pois a meta da civilização ocidental, de raiz cristã, é a conhecida fórmula de «uma Igreja livre num Estado livre»¹⁷.

1.2 – O positivismo

Sena Freitas nunca se apresentou como o fundamentalista obtuso que recriminasse o progresso. Pelo contrário, sabia bem que progresso, evolução, mudança, aperfeiçoamento fazem parte do próprio plano do Criador, porquanto são leis dominantes na natureza e no próprio homem, como confirmam a biologia e a psicologia e até a simples observação. Por isso, na obra deste sacerdote são frequentíssimos verdadeiros «hinos» ao progresso, mormente aos progresso obtido por intermédio da ciência experimental¹⁸. O que ele não podia aceitar é que a

¹⁶ Hoje não usaríamos esse argumento, mas outro bem mais sólido: esta Declaração, de 1889, não é uma criação francesa, mas uma adaptação do *Bill of Rights*, a Declaração dos Direitos do Estado da Virgínia (USA), de 1776. Isto é, treze anos antes da francesa. E sabe-se bem, hoje em dia, como o *Bill of Rights* é de base tomista, transmitida pela via dominicana.

Não obstante, vale a pena referir os aspectos da doutrina de Fénelon enumerados por Sena Freitas: “A realeza modificada pelo poder popular; o governo constitucional; os estados gerais da nação reunidos todos os três anos; a eleição e deposição dos príncipes; a soberania do povo em acto; a suspensão da hereditariedade das magistraturas; a liberdade de consciência; a fraternidade entre os cidadãos; a educação pública e obrigatória para todos os filhos da pátria; as leis sumptuárias sobre as casas, alimentos, ofícios, etc.; [...] a tolerância de cultos; a abstenção do poder civil na consciência do cidadão”. *Dia a dia...*, cit., 159-160.

¹⁷ Cf. *Ao veio do tempo*, cit., 179-180.

¹⁸ Cfr., por exemplo, a imensa admiração que sente pelo “progresso pela telegrafia”. *Ao veio do tempo*. Lisboa: Livraria Editora, 1908, 99-107.

mente do cientista se fechasse na mera imanência do que é mensurável e não transcendesse a realidade daquilo que fraccionava e manipulava para dominar, ainda que científica e tecnicamente. Neste caso, rigorosamente, não haveria progresso, mas retrocesso ou dissolução porque o homem não se elevaria, mas coisificar-se-ia. E se se coisificasse, tornar-se-ia manipulável e dominável.

Com esse método e essa mentalidade, o progresso material bem cedo se revelou contra o humano e aquilo que deveria ser pretexto para a dignificação do Criador que entregou ao homem uma natureza tão complexa, mas com tantas possibilidades para ser colocada ao seu serviço, tornou-se pretexto para a oposição chocarreira entre a razão e a fé e estabeleceu um hiato entre a inteligência que pensa e o coração que ama. É esta frieza que o nosso autor condena:

“O positivismo só vê a mole, mas não se eleva à alma que a anima - *mens agitat molem*. Anatomiza, mas contemplar não sabe. Estuda o homem mas escapa-lhe o génio que nele irradia, disseca a planta, descobre tudo nela, excepto o viço e a beleza. Lembra a região dos pólos, região erna de vida, de luz e de amor. O positivismo é o deserto calcinado da Arábia Pétreá, com o seu sinoun devorador e sem um oásis de refúgio. Rouba ao universo a sua auréola e à alma o seu êxtase. Reduz a um cadáver inerte esta criação imensa do meu Deus onde a vida palpita por toda a parte e donde o *Magnificat* do louvor sobe perene para o Infinito”¹⁹.

E Sena Freitas não se cansa de afirmar que só o cristianismo oferece à inteligência humana o que esta pode conhecer de mais sublime. Não a ciência. A ciência divide para compreender ou dominar intelectualmente: só o cristianismo oferece uma visão global e de sentido. Para as coisas e para a própria vida humana²⁰. E nele, obviamente, o progresso enobrecedor é não só admitido, como

¹⁹ *Dia a dia...*, cit., 65-66.

²⁰ Num belíssimo texto literário, o autor conta demoradamente a impressão que uma alforreca ou medusa lhe causou no Golfo de Nápoles: enquanto estava na água, fora da mão que mais tarde a possuiu, tratava-se de uma maravilha absolutamente assombrosa; depois que se colheu, ficou apenas uma tecido esponjoso e algo repugnante. Embora o sacerdote, quando refere este caso, esteja a pensar primordialmente na dimensão moral, também o pode aplicar à mentalidade positivista que mata o encanto das coisas ao apropriar-se delas e desfaze-las em meras partículas de matéria. Escreve ele, referindo-se a essa perda de encanto, depois de a ter apanhado: “A decepção foi completa. Onde ficaram as tais lindas cores prismáticas, as franjas de nácar e o viço e a vida? Contemplei com o desencanto de uma curiosidade lograda. Tinha simplesmente na mão uma polpa gelatinosa, inerte, opaca, amorfa, repelente à vista, que formigava e esbraseava a mão com a ardência de uma ortiga de muro”. *Dia a dia...*, cit., 139.

até requerido. Com uma condição: que seja integral, isto é, das coisas e das pessoas. E, neste segundo caso, ainda sob uma dupla vertente: como progresso de cada pessoa individual e das sociedades²¹.

Mas o positivismo, certamente encantado com a obra que lhe saiu das mãos, extravasou e, num primeiro momento, chegou a exigir uma «religião científica», à sua imagem e semelhança. Tentou matar o mistério e criar uma religião sem fé²². Num segundo momento, depois de confirmado que isso deixaria de ser religião, excluiu liminarmente qualquer contacto com a dimensão transcendente. E o grande problema da relação entre a fé, a ética e a ciência ainda hoje aguarda uma solução, como é por demais evidente.

1.3 – O socialismo

Escusado será alertar que o socialismo de que Sena Freitas fala é a designação genérica das várias concepções políticas e movimentos sociais mais ou menos revolucionários que pulularam durante o século XIX, particularmente na sua parte final, e nos inícios do XX, e engloba realidades tão díspares como os socialismos utópicos e o «científico» de Karl Marx, a Comuna de Paris e certos ramos de sindicalismo, o republicanismo e o anarquismo. Em comum têm uma coisa: o perigo real da possível dissolução da sociedade e da sua efectiva instabilidade e a ameaça à dignidade e direitos humanos. E para ajudar os acordes desafinados desta orquestra, poderia ainda juntar-se o liberalismo, o qual, parecendo de sinal contrário, repousava na mesma base materialista e, pelos ataques à Igreja²³, fomentava os mesmos sintomas de desagregação.

²¹ Escreve o autor: “Todos os progressos, por isso que o são e enquanto o são, merecem ser aplaudidos. Caiem sempre na sociedade como gotas de precioso orvalho destinados a fecundar as nações para os frutos benditos da civilização. Mas quando o progresso não é simplesmente o da matéria, nem mesmo o da luz que dardeja sobre a inteligência, se não igualmente o do bem moral, o da humanidade que exerce a sua alta influência sobre o cadastro repelente da miséria, razão há para felicitações e jubilosos alvoroços nos corações sensíveis. Sem receio se pode então afirmar que a sociedade deu um passo”. *Ao veio do tempo*, cit., 221.

²² *Dia a dia...*, cit., 206.

²³ Pense-se na expulsão das ordens religiosas, na não autorização para que a Igreja administrasse os seus bens, no regalismo que submetia a exame prévio tudo o que proviesse de Roma, etc., etc.

Para Sena Freitas, os métodos e os meios destes sistemas, filhos legítimos da Revolução Francesa, eram inconciliáveis com o cristianismo. Mas que é que o homem da Igreja tem a ver com a política? Tem, não só porque esta dimensão é constitutiva de toda a pessoa, como também porque não lhe é indiferente o modelo de sociedade, tal como não é indiferente ao agricultor plantar o cedro com a raiz na terra ou com a raiz para o ar. Frente a sistemas de “democracia azedada”²⁴, vê a Igreja como a única garante da segurança de uma sociedade pacífica, edificada à base da lei do amor social, expressão colectiva daquele «mandamento novo» do seu fundador: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13, 34). Ao contrário dos métodos revolucionários que, com a dinamite e as balas, só poderia gerar a sociedade conflitiva e o espezinhar dos mais débeis. É por isso que, em aforismos algo simplistas, mas certamente ditados pelo conhecimento dos factos, exclamava:

“Socialistas! Eu vos lamento de só terdes razão na boca dos vossos revólveres, na ponta dos vossos punhais e no braço das vossas alavancas demolidoras. [...] O plano dos socialistas sintetiza-se em duas palavras: substituir o amor pelo ódio ou a acção pacífica do cristianismo pela igualdade a ferro e fogo”²⁵.

Não é, portanto, o sistema político que preocupava o nosso autor, ele que, por exemplo, afirmava muitas vezes que um católico não tinha, forçosamente, que ser miguelista. O temor advinha-lhe dos efeitos sociais desse sistema: se o modelo de sociedade a edificar era a da paz e liberdade ou a do ódio e medo institucionalizados. Daqui a sua afirmação, tantas vezes repetida, de que “a sociedade não pode viver e progredir dentro da esfera da verdade e do bem sem o

²⁴ *A alta educação do Padre*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1909, XXXVI.

²⁵ *Dia a dia...*, cit., 53.55. Sabemos bem quanto, no caso do «socialismo real» soviético, de base marxista, estas palavras foram premonitórias. No seu estilo inflamado, dirigindo-se aos governantes legitimamente eleitos para representar e «defender» o povo, mas que, pela sua inanição estavam a assentar os carris por onde havia de chegar a comuna, a violência e a anarquia, escreve: “Vergonha! Opróbrio à indiferença letárgica dos representantes da nação! Vêem vir ao longe o algoz e saúdam-no presenteiros como outrora os escravos aos imperadores da antiga Roma: «Ave, César, morituri te salutant!»”. *Os Lazaristas...*, cit, 74-75.

cristianismo”²⁶. E invoca a evidência do facto de só nas nações cristãs haver verdadeira vida civilizada e progresso humano e material. O que deveria constituir um alerta para os revolucionários: banir o cristianismo e sua mundividência seria fazer com que um povo se afundasse paulatinamente na ruína e na morte²⁷.

Os ideais da Revolução Francesa, tão altamente formulados, acabaram por ser negados, na prática, por aqueles sistemas que se diziam seus herdeiros: os diversos socialismos apresentavam-se com atitudes perfeitamente anti-sociais; em nome da liberdade decretavam-se as mais despóticas medidas; a fraternidade poderia acontecer numa loja maçónica, mas tornava-se virulência à luz do dia²⁸. Daqui a necessidade de opção entre os dois elementos de uma disjuntiva clara: ou esses sistemas ou o cristianismo. E para este sacerdote intelectual, a escolha era fácil de fazer. Bastava saber observar:

“A humanidade tem apenas dezanove séculos: data de Cristo. Nos ciclos além da cruz, havia homens, mas não **humanidade**, indivíduos e não unidade moral; fracções sociais e não organismo, raças e não género humano; a grande concepção pagã da sociedade não se elevava acima do **Estado**, até que o Homem-Deus veio recompor as peças disjuntas deste imenso corpo moral e disse aos homens: «Vós sois uma só família»”²⁹.

Para a edificação desta sociedade nova, Sena Freitas propõe uma democracia efectiva, de base cristã³⁰, como “a mais perfeita”³¹ –hoje diríamos:

²⁶ *A alta educação do Padre*, cit., XIX.

²⁷ Cf. *Ao veio do tempo*, cit., 11-12.

²⁸ Cf. *Dia a dia...*, cit., 16.

²⁹ *Dia a dia...*, cit., 11-12.

³⁰ Não vou aqui formular teses, que são mais próprias dos estudos históricos, sobre o pensamento de Sena Freitas a respeito do modo e da forma de intervenção dos católicos na política activa: se em partido de identificação, a constituir, se por uma acção concertada de grupos católicos nos partidos democráticos existentes. Mesmo assim, diga-se que tudo me leva a crer que ele preferia esta segunda hipótese.

A respeito da «democracia cristã» convém, entretanto, especificar o seu conceito. Não se tratava ainda, obviamente, daquela família político-partidária que a si mesma se viria a designar como tal e que tanto mérito teve, por exemplo, na reconstrução da Alemanha e da Itália do pós-guerra. Com essa expressão pretendia-se referir a intervenção organizada dos católicos no campo social, quase sempre sob o ponto de vista caritativo ou assistencial. É que, depois da tomada dos Estados Pontifícios (20/09/1870), para que não parecesse que se colaborava com os invasores, os Papas haviam declarado como «não lícita» a participação política activa de eleger e ser eleito. Com o andar dos tempos, foi-se vendo que a atitude sensata não era que os católicos

como a única possível- das forma políticas. E isto por diversas razões: primeiro, porque se baseia no direito e não nas arbitrariedades, edificando, assim, o Estado de direito; depois, porque é o sistema que mais respeita os direitos individuais; finalmente, porque é o que mais promove a dignidade humana, pois esta, civicamente, arranca do axioma de que todos são iguais em direito e dignidade.

De resto, o autor admite perfeitamente o pluralismo político, base da democracia, até porque a Igreja não só é plural naquelas visões que não reclamam o dogma ou o assentimento doutrinal, mas, na sua organização, conhece mesmo elementos típicos de diferentes sistemas. Admite, inclusivamente a República, desde que expurgada do anti-catolicismo e da liberdade de expressão ofensiva. Defende as grandes conquistas que eram e são muito caras aos sistemas sociais modernos, tais como a liberdade de pensamento, de consciência, de culto, de associação, de imprensa, etc., se forem autênticos. Não quando, “ao mesmo tempo que se decreta a liberdade de cultos se condene um qualquer deles ao ostracismo e à morte [como acontecia com o catolicismo], pois o barrete frígio ou há-de cobrir e incubar os ovos de todas as liberdades ou não passa de uma carapuça cómica”³². Enfim, o nosso autor admite qualquer sistema, menos o despotismo e a demagogia popular. E nisto se antecipa, de algum modo, a visão do Concílio Vaticano II.

2. MÉTODO

2.1 – Pressupostos do diálogo da fé com a alta cultura

Ao longo da obra do nosso autor, encontramos alguns elementos preciosos para entender o diálogo da Igreja com a cultura nos tempos revolucionários e difíceis dos finais de novecentos e primeiro quartel do século XX. Estão dispersos um pouco por toda a obra do autor, embora algo mais «arrumados» na colectânea

permanecessem eternamente desempregados da política, mas colaborarem, com outros meios alternativos, na edificação da sociedade. Nasce, assim, a designação de «democracia cristã», atribuída a toda a forma de intervenção social motivada pela fé e pela pertença à Igreja. Cfr. DEPARTAMENTO DE PENSAMIENTO SOCIAL CRISTIANO – *Una nueva voz para nuestra época* (PP 47). Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2000, 354-368.

³¹ *Dia a dia...*, cit., 199.

³² *Ao veio do tempo*, cit., 12.

denominada “*Ao veio do tempo*”, escrito da plena maturidade mental, dado à estampa poucos anos antes da sua morte. Tentarei dar forma a estes fragmentos para uma visão global do que lhe parece ser o diálogo possível entre a fé e a razão, particularmente num tempo em que os ouvidos se faziam surdos de parte a parte.

Face às acusações que os intelectuais dirigiam ao cristianismo, apelidando-o de intolerante, dogmático, inimigo das liberdades e da inteligência, Sena Freitas começa por pedir uma distinção entre o que é essencial ou doutrinal e histórico ou incarnacional³³. Evidentemente, nos dogmas e aspectos centrais da moral, o cristianismo não pode baixar a consensos, pois isso equivaleria a amalgamar, ao mesmo tempo, o sim e o não. Aliás, ninguém lho podia exigir, pois na ciência passa-se o mesmo: não é por consenso que a água deixa de ser composta por oxigénio e hidrogénio para passar a ser, por hipótese, formada por duas moléculas de azoto e uma de enxofre³⁴. De qualquer forma, estes núcleos centrais da fé e da moral, inegociáveis e indeclináveis, propõem-se, mas nunca se impõem. A imposição é contrária ao espírito do Evangelho:

“Por carência total de noções da parte de uns e de noções justas e sensatas da parte de outros, tornou-se por muito tempo a história o registo negro de milhares e milhares de seres humanos vitimados pelo fanatismo feroz, pela ambição desmedida, por uma intolerância canibalesca, em nome e homenagem daquele Jesus que disse e repetiu tantas vezes, para que não o esquecêssemos: «Amai-vos uns aos outros. Este é o *meu* mandamento»”³⁵.

³³ É o que não faz, por exemplo, Guerra Junqueiro que, propositadamente, confunde Padre Eterno com catolicismo. Ora, é abusivo e desonestidade intelectual identificar os princípios com os servidores desses princípios: “o homem é o homem e a ideia é a ideia”. *Autópsia...*, cit., 32.

³⁴ Argumenta o autor: “Não tem o próprio cientista, que só admite as conclusões ou as induções deterministas deixadas pela observação repetida no fundo da sua retorta, não tem também o cientista os seus dogmas intangíveis e a sua intolerância inamalgável? Se alguém concebesse a ideia de pretender sustentar a um astrónomo que os corpos celestes não se atraem na razão directa das suas massas e na inversa do quadrado das suas distâncias, a um cosmógrafo que os graves não tendem para o centro da terra [...] é evidente que nenhum deles transigiria com as afirmações desses excêntricos [...]. Aqueles mesmos que tanto increpam aos católicos a sua intolerância, a levam tão longe ou mais longe que eles em relação às suas meras opiniões políticas, filosóficas e sociais”. *Ao veio do tempo*, cit., 135-137.

³⁵ *Ao veio do tempo*, cit., 139.

Mesmo nesses aspectos centrais, a norma é sempre condenar o erro, mas não a pessoa³⁶. A exemplo de Jesus Cristo que, em situações-limite, procede a esta distinção fundamental: “Ninguém te condenou? Também eu não te condeno. Vais em paz e não peques mais” (Jo 8, 10-11). É verdade que sempre houve um certo sector católico que se julga exclusivista e que, conseqüentemente, vota ao anátema quem não pensa como ele. Desses diria Sena Freitas: julgam-se “tão exclusivamente e zelosamente católicos que não chegam a ser cristãos”³⁷.

Os aspectos incarnacionais, a forma como, historicamente, os cristãos tentaram traduzir, no concreto da existência, a fé em que acreditavam, é que constituem o campo oportuno para um profícuo diálogo cultural, sem recriminações de parte a parte nem mal-entendidos persistentes. Como condições prévias da parte da Igreja, este sacerdote enumera três: sentir e mostrar estima pelo adversário, respeitar sinceramente os seus pontos de vista e dedicar-lhe um sorriso de bondade, mesmo que ele esteja nitidamente de má fé. Depois, vem a virtude mental da veracidade: o cristão não nega as coisas más que fez na história –“a história é uma fotografia de factos e não uma pintura a capricho”³⁸, diria este sábio pensador- nem tenta adaptá-la com acomodações, disfarces ou embustes. Pelo contrário, sabe que é da sua verdade que se podem tirar lições úteis para o tempo de hoje³⁹. Como faz, sabiamente a Bíblia: não selecciona apenas páginas edificantes, mas fala-nos também de crimes e de graves defecções, até dos melhores, como Moisés e David. É, pois, de asseverar:

³⁶ Os espíritos cristamente apoucados é que fazem da intolerância um instrumento de ataque, não tanto das ideias, quanto das pessoas. Mas “semelhante sistema pode acaso sorrir, não o ducido, aos matamouros, que impando de cristãos até à raiz do cabelo, são em última análise dominados pelo espírito farisaico dos tempos messiânicos. Foi dessa raça que saiu o *Crucifige, crucifige eum*”. *Ao veio do tempo*, cit., 147.

³⁷ *Ao veio do tempo*, cit., 143.

³⁸ *Ao veio do tempo*, cit., 156-157.

³⁹ Há uma frase sua que pode muito bem funcionar como lema da sua vida: “O melhor processo para refutar o erro é exhibir a verdade”. *Os Lazaristas...*, cit., 37.

“A Igreja só quer a verdade e só a verdade lhe convém. Os crentes não precisam de ser enganados para crer... mal; precisam, sim, da luz para ver bem. Aliás, um dia os desenganos trariam represálias”⁴⁰.

Por causa deste pressuposto de base, encontramos em Sena Freitas uma atitude deveras curiosa e inesperada: por um lado, um enorme conjunto de páginas que revelam uma ternura encantadora pela Igreja, nas quais se sente que esta constitui a aposta única e exclusiva da sua vida; por outro lado, como que se deleita em trazer à superfície um extensíssimo rol de situações históricas absolutamente deploráveis. E quando fala disso, usa mesmo uma linguagem particularmente dura e violenta. Fá-lo como espécie de exorcização de um passado que sabe que não mais pode voltar. Terminou a história, tanta vezes bárbara, de banhos de sangue em nome da fé. “Noções mais justas de dignidade humana e do verdadeiro senso cristão têm pouco a pouco calado nos espíritos”⁴¹.

2.2 – Alguns casos exemplares

Sena Freitas conhecia bem a importância das elites culturais para a formação das ideias dominantes e mentalidades populares. E sabia que os principais canais de comunicação –hoje diríamos: de comunicação de massas– entre essas elites e o povo, eram três: a literatura, o teatro e o jornalismo. Exactamente os mais usados para propalar ideias estranhas, ou mesmo antagónicas, à mundividência cristã. A acção apologética deste crente vai, pois, situar-se predominantemente a estes níveis. Descontando o jornalismo, devido aos inúmeros e incontroláveis artigos de opinião anti-católica aos quais era impossível responder, foram principalmente três as obras que obrigaram à intervenção pública deste apologeta: o romance realista *A Carne*, de Júlio Ribeiro, *Os Lazaristas*, do maçom António Enes, *A Velhice do Padre Eterno*, do ex-candidato a padre, Guerra Junqueiro.

Na defesa da Igreja perante a tentativa geral de desprestigiar o catolicismo e enaltecer o liberalismo, Sena Freitas começava por aceitar as críticas que se

⁴⁰ *Ao veio do tempo*, cit., 162.

⁴¹ *Ao veio do tempo*, cit., 154.

possam fazer a situações históricas concretas infelizes ou a pessoas que, pelo seu teor de vida e cultura, não estivessem à altura do serviço que diziam prestar. Comungava dessas críticas porque também ele esperava ansiosamente o advento de uma época de maior autenticidade fiducial e moral:

“Não serei eu [...] que temo essas críticas sangrentas, porque almejo vivamente o advento do dia em que o catolicismo irrompa e transmonte puro de todos os cadilhos que lhe têm adicionado, de todas as sombras com que o tem entenebrecido a credulidade ou a superstição popular e por vezes também a ignorância ou a ambição eclesiástica”⁴².

De seguida, com uma lógica absolutamente espantosa, situava o problema no seu contexto e tentava responder com um argumento da mesma natureza da do invocado. Por exemplo, se o pretexto do ataque era a impossibilidade de conciliação entre o criacionismo bíblico e o evolucionismo de Darwin, trazia à liça uma enorme quantidade de dados não só bíblicos, mas preponderantemente das ciências naturais para demonstrar que a doutrina católica, cientificamente falando, não se opunha a esta teoria e que, como tal, era de suma injustiça atirar este dado da ciência contra ela. E, alérgico como era a miopias de vista curta, até porque conhecia bem as limitações impostas aos seus olhos pela miopia oftalmológica, pedia ao opositor que contemplasse a plêiade de fieis, mormente religiosos, sacerdotes e bispos, que nas diversas circunstâncias e épocas históricas, incluindo a modernidade, se notabilizaram nesse preciso aspecto e muito contribuíram para o avanço da ciência, alto pensamento, assistência social, desenvolvimento dos povos e/ou missionação, literatura, artes, ensino, etc., etc. Para concluir que esses compensavam, em número e qualidade, as lacunas dos de «triste memória».

Quando o atacante dirigia as suas armas na direcção do clero, Sena Freitas mostrava-se benigno, compreensivo, quase cordato. O problema era quando se atacava Deus ou alguma verdade nuclear da fé e da ética. Aí dava-se um tal fervilhar de indignação que só a sua condição clerical consegue amainar⁴³. Só esta

⁴² *Autópsia...*, cit., 15

⁴³ É uma espécie de «ira sagrada» que toma posse dele: “É tal a volúpia de hediondez em que se compraz o autor da «Velhice do Padre Eterno» [...] que eu preciso de todo o comedimento que me impõe o meu carácter de sacerdote e a minha dignidade de homem para não lhe imprimir sobre a epiderme o carinho da adjectivação que lhe conviria”. *Autopsia...*, cit., 16.

levava à mansidão possível aquele que pôde dizer: “o polemista não sacrificou nem sacrificará nunca em mim o ministro de uma religião de amor”⁴⁴.

Claro que, mesmo assim, não conseguiu resistir completamente à tentação de, de vez em quando, intentar um pedagógico puxão de orelhas com intensidade variável: podia ir desde a forma de simples humor fino até à ironia algo mais azeda. E não era de excluir mesmo uma certa gozação mais ou menos provocatória, a roçar o cinismo. Como, por exemplo, quando se dirigiu ao poeta nascido em Freixo de Espada-à-Cinta para lhe asseverar que, com a sujidade presente na sua “*Velhice do Padre Eterno*”, fazia prova, de facto, “de que pertence, por direito de nascença, àquela província de Portugal onde menos se conhece o uso da água e a utilidade da limpeza”⁴⁵. E já antes lhe tinha tributado um outro mimo: que, se somos o que comemos, se compreendia o escrito de Guerra Junqueiro, ele que não bebeu chá em pequenino, mas apenas encheu a barriga de caldo de dura couve galega⁴⁶. Do ex-colega, P. Guilhermino Dias, que se convertera ao protestantismo –sem saber a que Igreja concreta...- e, para se conceder a importância que de outra forma não teria, ainda conservava a designação de «Padre» exactamente para atacar a Igreja Católica, Sena Freitas não tem pejo de invocar a “refinada má fé da sua *Resposta* [título do seu escrito] e a insanidade do cérebro que a formulou”⁴⁷. E a respeito da bajulação tributada aos realistas, o antigo missionário no Brasil não deixava de notar que “conviria tentar entre nós a aclimação da árvore do incenso”, pois se gastava uma grande quantidade desse produto a idolatra-los, não pelo seu valor -que efectivamente não possuíam-, mas apenas porque se arvoravam em instrumentos de ataque à moralidade pregada pela Igreja. Pense-se, sobremaneira, no romance *A carne*, ou em *Os Lazaristas*, levado à cena, ininterruptamente, quase uma centena de vezes.

⁴⁴ *Autopsia...*, cit., 79.

⁴⁵ *Autopsia...*, cit., 19.

⁴⁶ Cf. *Autopsia...*, cit., 15.

⁴⁷ *Crítica à crítica*, cit., 8.

Não obstante, predomina sempre a honestidade mental deste clérigo esclarecido. E a respeito de todos os seus opositores usa sempre de palavras que realçam o seu efectivo valor. Por exemplo, de Guerra Junqueiro diz, textualmente, que “tem rimado cousas dignas de Skakespeare”⁴⁸ e chega mesmo a declarar-lhe: “Prezo o seu talento, no mesmo nível em que o deploro”⁴⁹. E de Enes diz coisas semelhantes, sublinhando que escreve, de facto, muito bem e domina perfeitamente a técnica da trama dramática. O problema está precisamente aqui: no uso de grandes qualidades ao serviço do mal, quando elas tanto poderiam edificar, se colocadas ao serviço do bem e da verdade:

“Afirmo que não foi o menor crime do escritor o revestir de uma forma sedutora uma ideia ímpia. O belo só deverá ser a irradiação da verdade. O autor dos *Lazaristas* consagrou à mais miserável das causas um talento criado para desposar a luz e servir a justiça; lamento-o profundamente. As asas foram feitas para subir e não para descer, ainda menos para arrastá-las pela vasa”⁵⁰.

Não sei se consegui muito com esse instante pedido de se colocar o talento ao serviço da verdade, da justiça e do bem. Mas, pelo menos, são conhecidos dois casos sintomáticos: Junqueiro, acabaria por se retratar das suas críticas à Igreja trinta e oito anos mais tarde; Enes, entretanto Governador em Moçambique, pediu ao Governo central, de Lisboa, que lhe mandasse as Irmãs da Caridade, cuja expulsão do país tentara justificar anos antes⁵¹.

Conclusão

Sena Freitas é uma espécie de casta vinícola moderna enxertada numa cepa medieval. É moderno nas temáticas, na cultura, na mundividência, no assentar no tempo lógico do futuro e não no simples presente volátil nem, muito menos, no passado fossilizado; é medieval como um cavaleiro da Tábula Redonda no afinco

⁴⁸ *Autopsia...*, cit., 21.

⁴⁹ *Autopsia...*, cit., 36.

⁵⁰ *Os Lazaristas...*, cit., 14.

⁵¹ Cf. FIGUEIREDO, Antero – *O Padre Sena Freitas*, cit., 39 ss.

com que defende a honra ofendida da sua dama, a Igreja Católica, na anteposição dessa defesa aos seus próprios interesses pessoais e, fundamentalmente, no escrupuloso cumprimento de todas as regras do duelo –neste caso, nunca sangrento, mas sempre e só cultural- com mesura, elevação, saber e paixão. O resultado da simbiose entre esta casta seleccionada e essa cepa com boas raízes é um «vintage» de excepcional qualidade, desses que o nosso solo só produz lá de longe a longe.

Dotado de uma especialíssima sensibilidade literária, como que condensava em si o lirismo de um Júlio Dinis, a imensa serenidade de um Herculano, a precisão milimétrica de um Eça, a veia em alta tensão de um Camilo, a facilidade expressiva de um Junqueiro e a ternura de um João de Deus. Homem de inteligência e afectividade, de ideais e de proximidade, culto e justo, polifacetado na sua actividade de sacerdote, professor, missionário, jornalista, pregador e escritor, corajoso e viajado, fez da evangelização da intelectualidade e da «pastoral da cultura» o múnus central da sua actividade eclesiástica, em tempos particularmente difíceis.

Convencido de que só o cristianismo eleva a pessoa e humaniza a sociedade, insere-se naquela longa tradição de defesa de uma Igreja tantas vezes atacada porque não conhecida. E fá-lo na tentativa de fazer ver ao adversário que a sua fé é credível e a moral é humana. Por isso, embora ele mesmo se denomine “polemista”, creio bem que melhor será inseri-lo entre os apologistas, pois não só os assuntos que motivam a sua pena são mais graves do que uma simples discussão escolástica, como também o método é outro, pois não visa aniquilar o opositor, mas tentar colocá-lo ao serviço de uma boa causa e livrar os menos esclarecidos do seu espírito nefasto, os tais “infectados do micróbio Junqueiro”, como aparece na dedicatória do seu livro *Autópsia da «Velhice do Padre Eterno»*.

Parece-me que Sena Freitas recebeu influência directa de dois grandes apologetas da modernidade, cujas obras certamente conhecia: o francês Chateaubriand e o catalão Balmes. O primeiro, com o seu livro capital *Le Génie du Christianisme* (Paris, 1802), contra Voltaire e os enciclopedistas, procurava demonstrar que o cristianismo é a mais humana, a mais bela, a mais elevada das

religiões e que a sua fundação é sobrenatural. O filósofo Balmes, com a sua *Carta a un esceptico* (Barcelona, 1845) argumenta perante o ateísmo militante e o agnosticismo larvado, com lógica cerrada, em favor do mesmo cristianismo. Pelo que se vê, o português compreendeu bem a lição destes reconhecidos mestres, seguiu-lhes os passos e os métodos e elevou-se a uma altura muito parecida com a deles. Motivo mais que suficiente para ser retirado do arquivo morto do esquecimento para passar a brilhar à luz do dia de uma sociedade que ele queria livre, pacífica, civilizada e respeitadora das convicções pessoais de cada um e que, à sua maneira, ajudou a construir em tempos particularmente difíceis. Sena Freitas tem lugar merecido entre os maiores da cultura portuguesa moderna. Se lhe recusamos esse lugar, tanto pior para nós, pois é sinal de que não vemos a altura a que se guindou.

MANUEL LINDA